



**RAIZ CULTURAL**  
Segundo passeio promovido pela AdUFRJ à Pequena África reconta história do tráfico de escravos no Brasil e encanta professores

**Página 4**

**CADÊ A BASE? REUNIÃO DEBATE Esvaziamento do Movimento Docente**

**Página 3**

FOTOS: DIVULGAÇÃO



# UFRJ assina acordo do 'Novo Canecão'

Após dez anos de polêmica e 13 de abandono, contrato foi firmado na quarta-feira, 7. Expectativa do consórcio é que a obra termine em menos de três anos. Painel de Ziraldo será preservado **P.2**



# Contagem regressiva para 'Novo Canecão'

> UFRJ e consórcio Bônus-Klefer assinam contrato para concessão de área da Praia Vermelha. Nova casa de espetáculos deve ficar pronta em até três anos

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

Agora é oficial. Treze anos depois de ter fechado suas portas — e uma década após as primeiras discussões na UFRJ sobre o que fazer do espaço —, o Canecão voltará à cena cultural carioca. No dia 7, o contrato de concessão da área da Praia Vermelha, para construção do “novo Canecão”, foi assinado pela universidade e pelo consórcio Bônus-Klefer. O grupo venceu o leilão, em fevereiro.

Durante a cerimônia realizada no prédio da Inovateca, no Parque Tecnológico, o reitor Carlos Frederico Leão Rocha celebrou o momento. “A UFRJ tinha uma dívida com a sociedade. Agora, a sociedade brasileira poderá usufruir daquele espaço cultural”, declarou. “O perfil do consórcio vencedor do leilão também muito nos alegra. São amantes da cidade”.

A partir de agora, o Bônus-



DIVULGAÇÃO



SILVANA SÁ



DIVULGAÇÃO

**ASSINATURA** dá a partida para a construção de uma nova casa de espetáculos. As imagens são simulações. Caberá ao consórcio desenvolver o projeto nos próximos meses

## “SENSAÇÃO DE DEVER CUMPRIDO”, DIZ REITOR



FÁBIO CAFFÉ (SGCOM/UFRJ)

**DESPEDIDA** No auditório do CT2, equipe da reitoria apresentou o balanço dos quatro anos de gestão

KELVIN MELO  
kelvin@adufrrj.org.br

Faltando um mês para o encerramento do mandato, a reitoria apresentou o balanço da gestão à última plenária de decanos e diretores. No dia 5, no auditório do CT 2, os representantes de todos os

setores ligados à administração central desfilaram as várias iniciativas e números conquistados, apesar da pandemia e dos ataques sofridos pela universidade durante o governo Bolsonaro.

“A sensação é de dever cumprido”, disse o reitor, professor Carlos Frederico Leão Rocha. “Obviamente, ficaram coisas que

não conseguimos fazer. Mas, no geral, tenho uma avaliação muito positiva e muito orgulho dessa gestão”.

Na graduação, o número de alunos saltou de 38.933 no segundo semestre de 2019, quando a gestão começou, para 56.564 no atual período. Também houve mais controle das cotas: desde 2020, a

UFRJ passou a verificar a autodeclaração dos candidatos pretos e pardos antes da matrícula.

Na pós, destaque para a avaliação quadrienal da Capes de 2021 em que um terço dos 132 programas aumentou a nota em relação à de 2017 — 61% mantiveram o índice e apenas 6% caíram.

A extensão encerrou 2022 com 1.840 ações ativas contra 1.558 de quatro anos atrás. Na assistência estudantil, além da reabertura do bloco B do alojamento, o número de auxílios foi duplicado: de mil, em 2019, para dois mil, em 2023. As bolsas também ganharam reajuste.

E tudo isso ocorreu com um orçamento reduzido. A dotação orçamentária disponível para atender as despesas do exercício — ou seja, descontando as dívidas do ano imediatamente anterior — caiu de R\$ 268,8 milhões em 2018 para R\$ 184,7 milhões em 2023.

Pró-reitores, coordenadores e superintendentes relataram vários outros feitos aos decanos e diretores. Mas nem todos os destaques puderam ser divulgados. O tempo disponível para cada exposição ficou muito reduzido.

Na primeira fileira do auditório, os professores Roberto Medronho e Cássia Turci — reitor e vice-reitora eleitos — acompanharam tudo com atenção. “Com muito

-Klefer terá seis meses para elaborar os primeiros projetos e estudos de impacto, que serão avaliados pela universidade. “Esperamos que as obras estejam prontas em até três anos”, declarou Luiz Oscar Niemeyer, representante do grupo e empresário responsável pela realização de grandes shows no país.

O grupo será responsável pela construção e gestão da casa de espetáculos e por uma série de contrapartidas para a UFRJ. O período de concessão do espaço é de 30 anos. O painel de Ziraldo, que decorava a velha casa de espetáculos, será preservado.

### INVESTIMENTOS

O consórcio precisará fazer intervenções que chegam a R\$ 137,7 milhões, sendo R\$ 53,7 milhões em instalações acadêmicas e R\$ 84 milhões no equipamento cultural. As contrapartidas são: a construção de um restaurante universitário na Praia Vermelha com capacidade para fornecer duas mil refeições por dia, e dois prédios acadêmicos no mesmo campus.

Representante do BNEDES, que assessorou a universidade até a conclusão da licitação, Luciene Machado se disse emocionada. “É um privilégio para o banco participar desse projeto. Eu me sinto realmente fazendo parte de um momento histórico”, afirmou.

Os próximos passos do contrato serão acompanhados de perto por uma comissão da UFRJ, nomeada pelo reitor na última semana. O decano do CCJE, professor Flávio Martins, coordena a equipe que conta, ainda, com o arquiteto Ivan Carmo e a superintendente-geral de Governança da PR-6, Cláudia Cruz.

afinco, a UFRJ conseguiu superar todas as adversidades. Adversidades não só por conta da pandemia, mas por conta de um governo que atacou as universidades. O que essa gestão fez foi altamente positivo”, avaliou Roberto.

### HORA DE RECRENCIAR

No início da plenária, um alerta para os diretores e decanos. A universidade tem até novembro deste ano para obter um novo credenciamento junto ao MEC. “É uma espécie de licença para as universidades poderem desenvolver suas atividades”, explica a professora Maria Antonieta Couto, que ocupa a função de procuradora institucional da UFRJ. O último credenciamento ocorreu em novembro de 2013. Um grupo de trabalho nomeado pela reitoria e coordenado pela docente vai preparar toda a documentação para envio ao ministério. Mas os gestores precisam fornecer os dados ao GT. “O informe de hoje foi para mobilizar toda a comunidade acadêmica. A gente precisa, por exemplo, recadastrar todas as instalações físicas de toda a UFRJ e alguns setores ainda não responderam”, afirma Maria Antonieta. “Também precisamos recadastrar todo o corpo docente em atividade, tanto efetivos como substitutos, entre outros dados”.

# Desmobilização da base domina reunião do Andes

> Encontro, em Brasília, foi marcado por fortes críticas ao processo eleitoral do Andes. Questões relacionadas à escolha de reitores e à Campanha Salarial 2024 completaram pauta dos debates

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

Processo eleitoral do Andes, projeto de lei que acaba com a lista tríplice para reitores e Campanha Salarial 2024. Esses foram os principais temas do encontro do setor das instituições federais de ensino do sindicato nacional, ocorrido nos dias 3 e 4 de junho, em Brasília. A professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, representou a seção sindical.

No primeiro dia de debates, a dirigente parabenizou a participação dos professores nas eleições do Andes e enalteceu o engajamento dos docentes da UFRJ. “A participação dos professores é um importante sinal em termos de avaliação do processo de condução do movimento sindical”, disse a professora.

Mayra destacou, no entanto, que, enquanto na UFRJ houve participação recorde, o movimento nacional não acompanhou a tendência de crescimento nas urnas. “Tenho orgulho de fazer parte de um movimento docente que encontra eco na categoria, que se entende como um movimento responsável por representar todos os professores, sem sectarismo”, analisou Mayra.

A conjuntura nacional tam-

bém fez parte da análise de Mayra Goulart. “No tocante ao setor público, o diálogo leva em conta o fato de que estamos diante de um governo que apoiamos desde os primeiros momentos de sua candidatura e com o qual temos orgulho de dialogar”, defendeu. “Isso não significa que nós apoiaremos todas as decisões do governo. Pretendemos manter a crítica e o tensionamento sempre que necessário”, afirmou a professora, que sugeriu realizar um amplo debate sobre o Marco Temporal.

Quem também criticou o processo eleitoral do Andes foi a professora Andrea Stingenhe, presidente da APUFPR, a Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná. “A eleição nacional não conseguiu mobilizar a base por ter sido totalmente presencial. Mais de 50% dos associados são idosos, a locomoção é complicada”, justificou.

Na UFPR, assim como na UFRJ, houve votação recorde para a escolha da última diretoria, com eleição remota. “Eles defendem eleição presencial como mais democrática. Isso é uma falácia”, afirmou à reportagem da AdUFRJ. “Há um paradoxo nesse argumento: como há mais democracia, se há menos participação? Se atinge menos pessoas?”, questionou a professora. “Não queremos representar a todos os docentes? Eu quero ser representante de todos os professores da minha



DIVULGAÇÃO

base?”

A escolha de reitores fez parte das discussões do segundo dia. A proposta do Andes estende a discussão também para instituições de educação básica que têm reitorias, como é o caso, por exemplo, do Colégio Pedro II e de muitos institutos federais.

A professora Mayra Goulart apresentou a proposta do Observatório do Conhecimento. “Já conquistamos consenso entre Andifes (associação de reitores), SESu e MEC. Nossa proposta encerra a lista tríplice, sem indicar

o processo de escolha por cada universidade”, explicou Mayra, coordenadora da rede. “A ideia é não incorrer nos erros anteriores e perder mais uma janela de oportunidade de fechar a porta das intervenções por parte de eventuais presidentes de extrema-direita que possam chegar ao poder”, afirmou a professora.

Neste mês de junho, o Observatório prepara, em parceria com parlamentares ligados à Educação, uma audiência pública para discutir o projeto.

Em relação à Campanha Sa-

larial 2024, os professores discutiram critérios para a mesa de negociação permanente e a criação de uma mesa setorial, para tratar especificamente de questões relativas à carreira do magistério superior.

Também houve acordo para que as seções sindicais façam pressão junto aos parlamentares de seus estados em apoio a um novo reajuste para o ano que vem, já que os 9% conquistados em 2023 são insuficientes para dar conta da inflação dos últimos anos.

## DELEGAÇÃO AO 66º CONAD É APROVADA EM ASSEMBLEIA

Com pauta única, a assembleia da AdUFRJ, realizada nesta quarta-feira (7), aprovou a delegação que vai representar o sindicato no 66º Conselho do Andes (Conad), de 14 a 16 de julho em Campina Grande (PB). A diretoria da AdUFRJ indicou cinco docentes, e outros quatro nomes foram propostos durante a assembleia, totalizando os nove integrantes da delegação, cujos nomes foram aprovados por consenso.

A professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, foi escolhida como delegada. Os oito observadores aprovados são os professores Ricardo Medronho (suplente de delegado), Ana

Lúcia Fernandes, Eleonora Ziller, Josué Medeiros, Marinalva Oliveira, Jaqueline Girão, Fernanda Vieira e Nedir do Espírito Santo.

Em sua fala de encerramento da assembleia, a professora Mayra Goulart disse que as próximas ações da AdUFRJ darão especial atenção à situação dos professores jovens. “Eles se encontram em um processo de desvalorização ainda mais profunda, e precisamos de um olhar atento. Esse segmento sofre tanto com as perdas inflacionárias quanto com problemas no acesso à carreira. Daí a importância de se pensar em condições para que esses professores consigam fazer suas pesquisas e progredir na carreira. Pretendemos levar

a cabo essas ações em prol da nossa base”, destacou Mayra.

O 66º Conad terá como tema central “Na reorganização da classe com inspiração nas lutas e culturas populares” e será realizado na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A secretaria do Andes divulgou, nesta terça-feira (6), o Caderno de Textos do 66º Conad, com 21 textos de apoio e 12 de resoluções. As contribuições estão distribuídas entre os seguintes temas: Atualização do debate sobre conjuntura e movimento docente; Atualização dos planos de lutas dos setores e Plano Geral de Lutas; Questões Organizativas e Financeiras. **(Alexandre Medeiros)**







# CICATRIZ DA ESCRAVIDÃO EMOCIONA DOCENTES

FOTOS: FERNANDO SOUZA

> AdUFRJ promoveu segunda visita guiada à Pequena África, onde ficou maior porto de tráfico de escravos do mundo entre 1811 e 1831

FRANCISCO PROCÓPIO  
comunica@adufrj.org.br

“Vim para este passeio para conhecer um pouco mais da história do lugar em que moro”, contou Irina Nasteva, professora de Física de Partículas da UFRJ, que participou da segunda edição do Passeio Histórico e Cultural pela Pequena África, atividade promovida pela AdUFRJ, na manhã de sábado, 3 de junho. Foram mais de três horas de visita guiada no Centro do Rio.

O guia foi o professor Gabriel Siqueira que, de berimbau na mão e muito zelo por nossas raízes africanas, contou detalhes de uma das páginas mais tristes da história brasileira, o tráfico de negros.

O passeio começou na orla da Baía de Guanabara e terminou no Cais do Valongo — ali passaram mais de mais de um milhão de pessoas, negociadas como objetos entre os anos de 1811 a 1831. O lugar foi o maior porto receptor de africanos escravizados do mundo naquele período e hoje é uma espécie de museu a céu aberto em que o público revive a dor

dessa enorme ferida brasileira. “A cidade era um grande cativo”, resumiu o guia Gabriel Siqueira.

A aula de Gabriel encantou os 24 docentes da UFRJ que participaram do passeio. “Gostei muito. Ele parte da ótica de afrodescendente”, elogiou a professora de Direito Administrativo, Carmen Lúcia Macedo. “Eu já conhecia um pouco da região, mas a curadoria de assuntos que o Gabriel fez é ótima”, emendou o professor de Biologia, Rodrigo Martins. “Eu achei fantástico, estou supersatisfeita”, comemorou Milena Bodmer, professora aposentada da Coppe.

O passeio foi idealizado por Ana Lúcia Fernandes, diretora da AdUFRJ e professora da Faculdade de Educação. “Eu já tinha feito esse passeio com o Gabriel e o indiquei porque conta a história de outro ponto de vista, com base em um reconhecimento histórico da cultura africana”, explica. “Iniciativas assim retratam nosso jeito de fazer sindicalismo e que busca novas formas de atividade política”.

A diretoria da AdUFRJ planeja outras atividades histórico-culturais e, em breve, divulgará as datas e a forma de inscrição.

